

125  
LUCIANO GALLET

ESTUDOS  
DE  
FOLCLORE

1934

Carlos Wehrs & Cia.

R. DA CARIOCA, 47

RIO DE JANEIRO

◆ Editores



◆ Brasil ◆

35

O INDIO  
NA MUSICA BRASILEIRA

I.<sup>o</sup> MEMORIA

*O INDIO NAO CONTRIBUIU PARA A FORMAÇÃO DA NOSSA  
MUSICA ATUAL.*

No ano de 1500, descoberto o Brasil, os Portuguezes tomaram logo conta de sua nova possessão. E por força de circunstancias, iniciaram a dominação dos indigenas.

Ao mesmo tempo, começou a catequese dos Jesuitas, que por meios brandos mas incisivos, os chamavam ao inicio da civilização.

Fala-se muito atualmente, que o folclore musical brasileiro, é de origem indio-luso-africana. Acho que não. Nunca percebi nitidamente a contribuição direta do indio na nossa musica.

E' por isso, que estou falando dele, e do ano de 1500.

O folclore brasileiro atual, no que se refere á musica, é de origem luso-africana.

Mesmo porque é facil provar que:

- 1.º — si os indios no seu estado nativo, eram musicos, e com material proprio;
- 2.º — esta disposição foi aproveitada pelos missionarios que difundiram logo entre eles a musica religiosa-européa;
- 3.º — e ao fim de pouco tempo, a musica primitiva tinha desaparecido dentre os indios recém-civilizados, substituida pela outra.

E só nesse momento é que começaram a vir para o Brasil, os africanos.

Para isso, basta folhearmos os cronistas da época.

I.º

*OS INDIOS ERAM MUSICOS ANTES DA DESCOBERTA.*

Com Pedro Alvares Cabral viajava frei Henrique de Coimbra. E em sua companhia, como auxiliares, frei Pedro Netto, corista de ordens sacras, e frei Maffeo, sacerdote, organista e musico.

No dia em que foi celebrada a 1.ª missa no Brasil, para acompanhá-la houve musica e cantos sacros; e os indigenas ficaram altamente impressionados com o espetáculo inédito e com a musica desconhecida e nova para eles. Constatou-se mesmo, que diante da impressão produzida, “tinha havido experiencia certa de que o demonio tambem se afugenta com as suavidades da harmonia”.

Foi este o primeiro passo de dominio e absorção.

E não se pense que o indio era ignorante a respeito de musica. Ao contrario. Mas aquella musica saía dos seus moldes usuais.

Os escritôres do seculo XVI, que falam da terra nova, referem-se á predileção que já encontraram entre os selvagens, pela musica, e especialmente pelo canto. Diz Gabriel Soares, no seu “Roteiro do Brasil”: “São havidos estes Tamoyos por grandes musicos e bailadores entre todo o gentio; os quaes são grandes componedores de cantigas de improviso; pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer que vão”. Declara mais: “Os Tupinambás se prezam de grandes musicos, e, ao seu modo, cantam com soffrivel tom, os quaes teem boas vozes; mas todos cantam por um tom”...

O que entenderia Gabriel Soares, por “soffrivel tom”? Desafinação? Ou teria ele ouvido qualquer escala musical de intervalos diversos da escala temperada européa? Os discos recentes dos indios Parecis, que Roquette Pinto colheu no momento da descoberta, justificam esta suposição. Os Tupinambás referidos, bailavam todos num ritmo uniforme, durante 24 horas a fio, quando celebravam as cerimoniaes para a imolação dos prisioneiros de guerra.

Mas alem dessa musica, tinham cantos guerreiros, com que festejavam os feitos gloriózos de seus heróis e caciques; cantos elegiacos, bucolicos, religiosos; cantos de toda a especie. Jean de Lery, contando uma festa indigena que assistiu e na qual, durante duas horas cantaram e dançaram 600 homens, confessa que: “Il y eut une telle melodie, qu’attendu qu’ils ne savent que c’est de l’art de musique, ceux qui ne les ont ouys ne croiroient jamais qu’ils s’accordassent si bien... — J’eu une telle joie, que non seulement oyant les accords si bien mesurez d’une telle multitude, et surtout pour la cadence et refrain de la ballade... — Toutes les fois qu’il m’en ressouvient, le coeur m’en tressaillant, il me semble que je les aye encor aux oreilles...”

Spix e Martius, também se referem amplamente á musica primitiva dos indios.

Ainda mais. A musica, era por eles, considerada uma manifestação superior, tanto que Fernão Cardim, conta que: . . . . "são muito estimados entre elles os cantores assim homens como mulheres, em tanto que si tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem os filhos".

São depoimentos valiosos, que provam a musicalidade dos indios, anterior á descoberta do Brasil; e também, que a impressão recebida pelos cantos liturgicos, no dia da primeira missa, foi apenas efeito do "ainda desconhecido".

Assistindo a missa, e impressionando-se com o que viram, eles demonstraram logo: curiosidade, intelligencia e docilidade.

Pela curiosidade, foram atraídos, querendo assistir o espetáculo ainda não visto. Pela intelligencia, compreenderam e admiraram. Pela docilidade, ficaram ali sem relutancia por vontade espontanea, aceitando pela intelligencia, a visão nova que a curiosidade lhes fizera presenciar.

A perspicacia dos civilizados recém-vindos, poz a nu', de relance, a psicologia do selvicola. E lançaram mão dela; aproveitada e desenvolvida serviu para firmarem o seu dominio entre aquella gente, tão sem artificio. Alem disto, o campo era propicio. O indio por indole, gostava de novidade. Já não era só gosto; era atração irresistivel pelas mil pequenas bugigangas que os brancos lhes davam, em troca ás vezes, de valores maiores; o que provavelmente ignoravam. Mas a intelligencia comentava que sem duvida, aqueles objetos ainda desconhecidos, deviam ser muito superiores aos deles. O velho gesto humano da atração pelo "ainda não visto". E até aqueles cantos liturgicos no dia da 1.<sup>a</sup> missa, fez-lhes parecer que nunca tinham ouvido musica. — Era apenas outra musica, diversa da que eles usavam.

## II.º

### *A DISPOSIÇÃO MUSICAL, APROVEITADA PELOS JESUITAS. ENSINO DA MUSICA RELIGIOSA - EUROPÉA.*

Em inicios do seculo XVI, nos centros religiosos europeus, a musica era usada como meio persuasivo e de combate.

Na luta pela fé, travada entre as varias religiões, ela era empregada para atrair os fieis ao culto divino, graças ao seu poder de sugestão.

Palestrina, ao serviço da igreja romana, reforma o cantochão, com auxilio do contraponto. Walter e Luthero, utilizando os corais, fundam a escola alemã. A escola dos psalmistas é dirigida por Clement Marot e Calvino. As formas musicais refundidas, eram impostas aos fieis; e pela sugestão melodica, procurava-se reavivar os sentimentos religiosos. Nesse momento, e com estas disposições, chegaram ao Brasil os primeiros missionarios, logo depois da descoberta.

Veio antes o Padre Navarro; e a seguir, Nobrega, Anchieta e Alvaro Lobo.

Missionarios convictos, e certos de terem na musica um forte au-

xiliar, puzeram logo em pratica o preceito da epoca. Mas de inicio, não convinha precipitar. Era preferivel a adaptação prévia. E o padre Navarro começou traduzindo para a lingua tupí, canticos e hinos religiosos. Os outros, chegados depois, seguiram o mesmo processo. Mas em principio, utilizavam as crianças mais faceis de instruir. E para suggestionar melhor, serviam-se sempre do espetaculoso.

Quando iam visitar alguma aldeia ainda barbara, mandavam na frente os indiozinhos, de crucifixo na mão, cantando benditos e ladainhas.

Os indios adultos, maravilhados pelo espetáculo, e arrebatados pelos acentos musicais religiosos, incorporavam-se ao grupo; e lá iam todos cantando, para a aldeia ainda feroz.

Theophilo Braga, na "Historia da Litteratura Portugueza" refere-se a tudo isto.

Mais tarde, lançaram mão de outro meio, que o mesmo autor relata: "Os Jesuitas que no seculo XVI fizeram consistir a sua actividade no ensino e na missão, adoptaram o drama litterario para os divertimentos escolares; e os autos hieraticos para a catechese e propaganda religiosa. Foi principalmente no Brasil, que empregaram com mais vigor este meio de conversão. A's vezes misturavam as duas linguas, a portugueza e a indigena, — visando substituir indirectamente as cantigas profanas".

Onde se constata que já havia proposito de "substituir as cantigas profanas", isto é, os cantos nativos indigenas, pela musica européa.

O que sem duvida não era difficil, considerando-se os meios empregados, e a disposição musical já anterior, daquela gente.

Os proprios missionarios confessam que "se admiravam da *facilidade prodigiosa* com que os indigenas aprenderam os canticos de igreja que elles lhes ensinavam".

Com a tendencia do indio para a novidade; aprendendo sem esforço; traduzindo-se os cantos para o vernaculo; e com a disposição deles em abandonar o antigo pelo novo, deduz-se logo que: ao fim de pouco tempo, era rapida a desaparição da musica de todo o indigena que entrasse em contacto com a civilização.

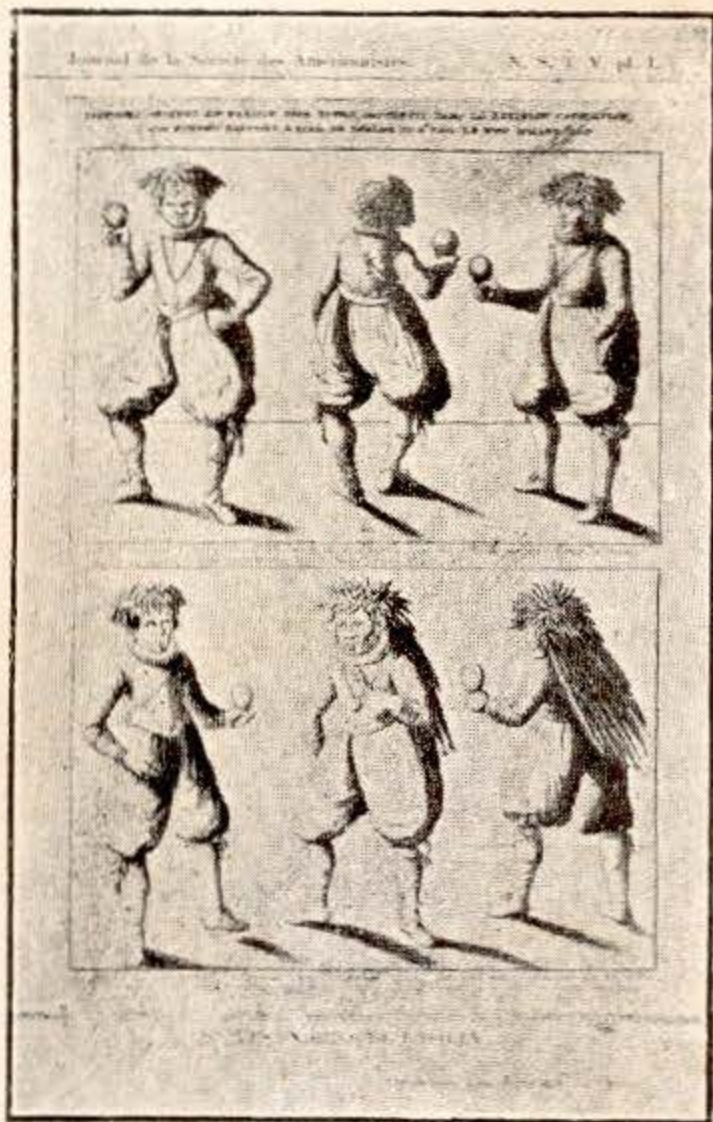
### III.º

#### DESTRUIÇÃO DA MUSICA PRIMITIVA.

Lembremos bem, a musica do indio desaparecia, porque era calculadamente substituida por outra.

E pouco a pouco, dizem os relatos da epoca "introduziram-se entre os indigenas novos especimens musicais, os quaes, se amalgamando com os novos sentimentos de religião, levaram de vencida — os *cantares cabalisticos*". — Mas já não bastava o dominio abstrato. Era preciso concretizar; ir mais a fundo. Vieram as escolas.

E logo depois, conta Fernão Cardim: "Em todas estas três aldêas (Espírito Sancto, Sancto Antonio e S. João) ha escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habeis tambem ensinam a contar, cantar e tanger, tudo tomam bem, e ha já muitos que



INDIOS TUPINAMBÁS DO  
MARANHÃO.  
Desenhos de Joachim de Viert.



DANSA TUPINAMBÁ - Desenho de De Bry.

tangem frautas, violas, cravo, e officiam missas em canto d'orgão, cousa que os pais estimam muito”.

Por este tempo, já devia estar agonizando, a primitiva musica dos indios recém-civilizados.

Com as escolas, desenvolviam-se tambem as representações dos “autos” e “mysterios”, onde de mistura com anjos e santos, apareciam diabos de nomes indigenas, e sêres fabulosos com apelidos locais; o que calava ainda mais na imaginação dos assistentes.

“O mysterio de Jesus”, o “Auto de Sta. Ursula”, o “Auto das onze mil Virgens”, o “Dialogo da Ave-Maria”, o “Auto do Martyrio de S. Sebastião” e muitos outros.

Em 1575 já vamos encontrar os indigenas *européizados* a seu modo.

Falando da representação do auto “O mysterio de Jesus” de Anchieta, Mello Moraes Filho, em “Patria Selvagem” conta a cena: “Os chefes de guerra, os pagés, as feiticeiras, os indigenas catechizados, os colonos, á sombra das alas nativas e dos galhardetes, cujas bandeiras symbolicas anthenticam a victoria do christianismo e de Portugal, comem e descantam, dansam e vibram seus instrumentos. Os musicos da orchestra, vestidos de pennas e listrados de urucu’, descansam as pernas ás maças e flechas, e dão signal para a representação”.

Nesta mesma epoca, representava-se em Pernambuco, o auto “O Rico Avarento e Lazaro Pobre” forçosamente dentro do mesmo ambiente de preparo e instrução européa do indigena.

E vamos encontrar pouco depois na Baía, frei Euzebio de Mattos, irmão de Gregorio de Mattos, em companhia de frei Antão de Santo Elias, musicos, organistas e educadores; e com ambiente identico ao do Rio e Pernambuco.

Já estava então amplamente divulgado e firmado, o ensino de varios instrumentos como a flauta, violino, cravo, orgão, por serem os mais apropriados ao acompanhamento das vozes nos cantos de igreja.

E as representações de autos e misterios, contam ainda os historiadores, “eram intermediadas por cantos e toques de instrumentos — á maneira dos mysterios e moralidades em uso nas igrejas europeias durante os seculos XVI e XVII, — executados pelos indios, que eram muito entendidos nesta arte”.

Temos aí claramente delineado, o estado musical do indio no Brasil, em 50 ou 60 anos de catequêze intensa, quando ainda não tinham vindo os africanos-escravos.

#### IV

### OBSERVAÇÕES SOBRE O INDIGENA DESCOBERTO RECENTEMENTE.

#### *Pontos de contacto com as primeiras explorações.*

Para provar a unidade de feitio do indigena antigo e do recém-descoberto, é facil comparar fátos identicos aproximando épocas anteriores ás

atuais. E desta aproximação resulta facilmente a conclusão de sua não influencia em nosso folclore atual.

Até hoje, existem ainda selvagens em pontos restritos do Brasil, como na America do Norte. E se observa sempre o seguinte, mesmo nas explorações mais recentes: — ou eles estão em estado primitivo ao serem entrevistados, com todo o seu feitio e material barbaro; ou logo em seguida aceitam a civilização e se adaptam a ela e ás inovações consequentes. E nas anotações de feitio, usos, caracter ou folclore, existe tal semelhança, que parece até que o mesmo fio condutor une as explorações atuais ás do inicio do seculo XVI.

E' o mesmo personagem que surge, daquela época á nossa. Em seguida desaparece dentro da civilização não deixando influencia propria; e nem tampouco entre eles se encontra adaptação alheia.

Mais claramente: O indio de 1500 conserva-se igual ao de ultimamente, e do mesmo geito, o que era deles antes do contacto com a civilização, não se mistura depois com o que é nosso; e nem entre eles, mesmo modernamente, se encontram influencias nossas anteriores.

Exemplifico a observação. Roquette Pinto anotou detalhadamente as explorações recentes dos indios Parecis, no seu livro "Rondonia". Naquela ocasião, seculo atual, e de volta da Europa, ao entrar em contacto com os Parecis, foi transportado em cheio para a época da pedra, em que surpreendeu aqueles indios. E conta um episodio altamente expressivo que determina o feitio e inteligencia deles, em tempos atuais.

Um dos indios trazia nas mãos um machado de pedra, indice caracteristico das idades primitivas.

E como a expedição trazia na sua bagagem, utensilios um pouco mais modernos, Roquette mostrou ao indio um machado atual, com lamina de aço. A superioridade deste, foi demonstrada sobre um tronco de arvore. Não bastou. O indio quis experimentar ele mesmo, mas feita a prova, não duvidou um instante; atirou longe o velho machado de pedra, cheio de desprezo por ele. E convicto de sua superioridade nova, desandou a caçar e a rir dos companheiros... que ainda usavam machado de pedra, ridiculo ao lado do machado de aço que ele possuia.

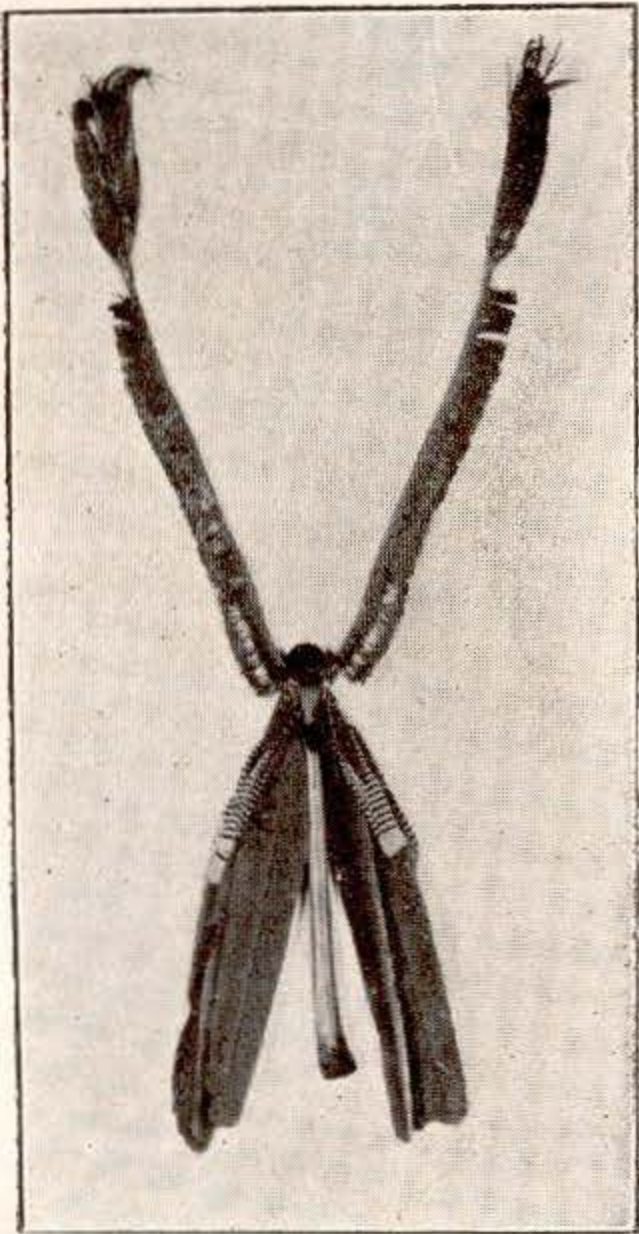
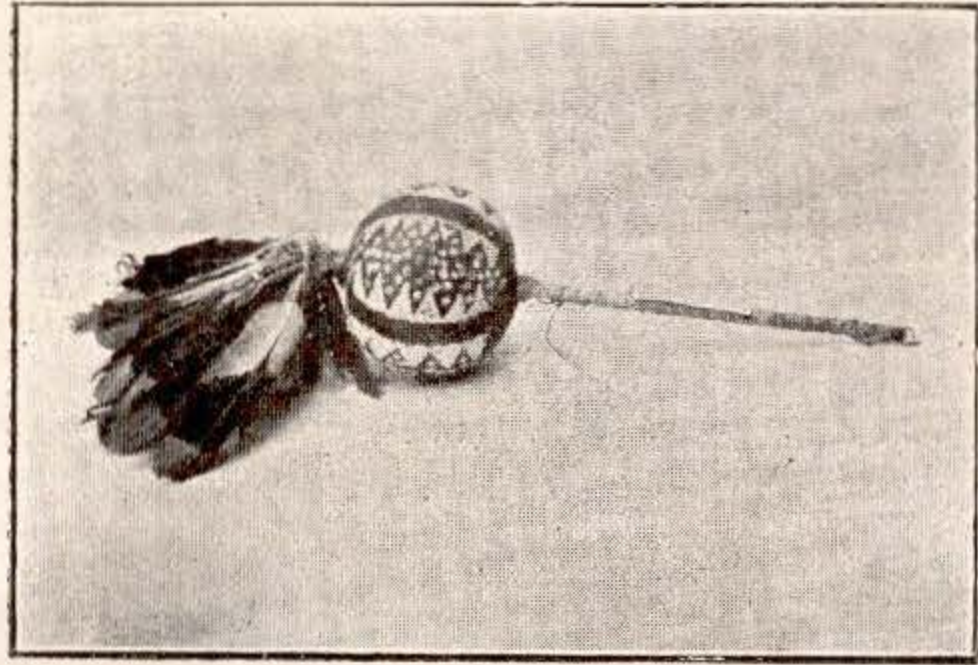
Falando da facil adaptação do indio, que abandona mesmo, cerimonia e usos de tradição arraigada, Coelho Netto relata uma passagem significativa.

Em excursão pelo norte, Amazonas creio, em busca de dados para as suas obras, foi parar no meio de uma tribu recentemente descoberta, e que conservava ainda os seus caracteristicos proprios. Conseguiu fazer boa amizade com os indios, o que não era facil, pois eram meio ferozes. E pode assim observar seus usos.

Como fossem mais primitivos, mais interessante o que assistiu. Cantos, dansas, cerimonia religiosas, tudo viu. E sempre notou o caracter proprio e inconfundivel que tinham as manifestações estéticas daqueles homens ainda selvagens.

MARACÁ DOS INDIOS GUAJAJÁRAS  
DO MARANHÃO.

Museu Nacional do Rio de Janeiro.



Colar com apito de osso, Índios Urubús, Rio Gurupí.  
Segundo Raimundo Lopes.

Pensava demorar-se aí, e no momento não tomou apontamentos immediatos, pois não havia urgencia.

De imprevisto é forçado a partir, e teve que fazê-lo sem os seus apontamentos. Porem não se preocupou, calculando voltar dentro de dias.

Só poudé voltar alguns anos depois.

A mesma tribu ainda estava ali. Os indios eram os mesmos. Mas só. Todo o resto tinha mudado.

Os nomes proprios, as armas, os cantos, as cerimoniaes, tudo diverso. O proprio espirito pagão daquela gente, tornara-se místico. De tudo o que vira alguns anos antes, nada mais existia.

E' ainda em tempos atuais, a constatação do mesmo fato observado acima, quando algumas dezenas de anos depois da descoberta, os indios ainda de penas e listrados de urucu', já tinham trocado a musica propria primitiva pela religiosa-européa.

Nos relatos da missão Rondon e das missões Salesianas em Mato Grosso, encontram-se sempre fatos desta ordem, que vêm provar a mesma facilidade de adaptação do indio, e o pronto abandono de formulas anteriores pelas recém-vindas.

## V.º

### A MUSICA ANTIGA E MODERNA DOS INDIOS.

As mesmas constatações de similitude, e unidade de caracter primitivo, se confirmam nos têmeas musicais indigenas da época antiga e moderna, anotados no momento inicial da descoberta.

E é tal a igualdade de feitio e sentimento, que se imagina até que os indios descobertos agora, conservaram religiosamente os caracteristicos de seus irmãos de 4 seculos atraz; o que vem isolá-los absolutamente de nossa musica brasileira contemporanea.

Para não alongar, citarei apenas um têmea antigo (J. de Lery, 1557) e um dagora (Roquette Pinto, 1900).

## I

Jean de Lery:  
1557.

### CANIDE IUNE

Moderato espressivo



Ca . ni . de Iu . ne, Ca . ni . de Iu . ne, heu . ra u . ech!

Provavelmente colhido entre os Tamoios no Rio de Janeiro, onde Lery esteve em companhia de Villegaignon naquela época. Canide Iune, é uma invocação á "Ave Amarela" celebrando-se a sua beleza.

II

Roquette Pinto:  
1900.

TEIRU'

Moderato espressivo

Uai.ê au - tiá harenêzê! ————— za\_lô\_ke - rê uêrêre.tô! —————

Colhido recentemente entre os índios Parecis.  
O canto de Teiru', é uma invocação a um chefe que morreu.

Nestas duas melodias, anotadas em épocas tão distantes, ou em qualquer outra, a semelhança é flagrante.

E não se observa, nem de longe, ponto algum de contacto com a nossa musica brasileira.

Desconhecem-se entre si. E a proposito, convem lembrar um detalhe, que reputo importantissimo.

Atravez de audição rapida que tive, de alguns discos que Roquette Pinto recolheu (Índios Parecis), observei que o processo musical do indio, afasta-se do nosso, europeu.

Nele é diferente:

- 1) A escala musical, que me pareceu formada por intervallos diversos dos nossos; quartos de tom, talvez.  
O que é logico e facil de compreender, dada a sua existencia anterior á chegada do europeu, e independente portanto de processos civilizados, como a escala temperada.
- 2) Como consequencia, diversidade de sistema harmonico.  
Ouvi cantos a varias vozes, contrapontados. Bem entendido, com meios que não se assemelham nem de longe ao que podemos imaginar.
- 3) Quadratura rítmica, sem relação alguma com a nossa.

Entretanto as anotações escritas dos temas Parecis, foram feitas dos discos, pelo nosso sistema europeu. O que falseia completamente todo o seu feitio e estrutura.

E' mais um ponto de importancia maxima, que diferencia o folclore musical indigena, do nosso atual.

E' de lamentar que os cuidados de conservação dos discos, em estado precario neste momento, não permitam estudos mais amplos a respeito; o que será de grande utilidade para a nossa orientação musical.



Fig. 1. FLAUTA DE OSSO DOS INDIOS BACAIRU' - Museu Nacional do Rio de Janeiro.



Fig. 2. FLAUTA DE PAN DOS INDIOS ARIKEMES - Museu Nacional do Rio de Janeiro.

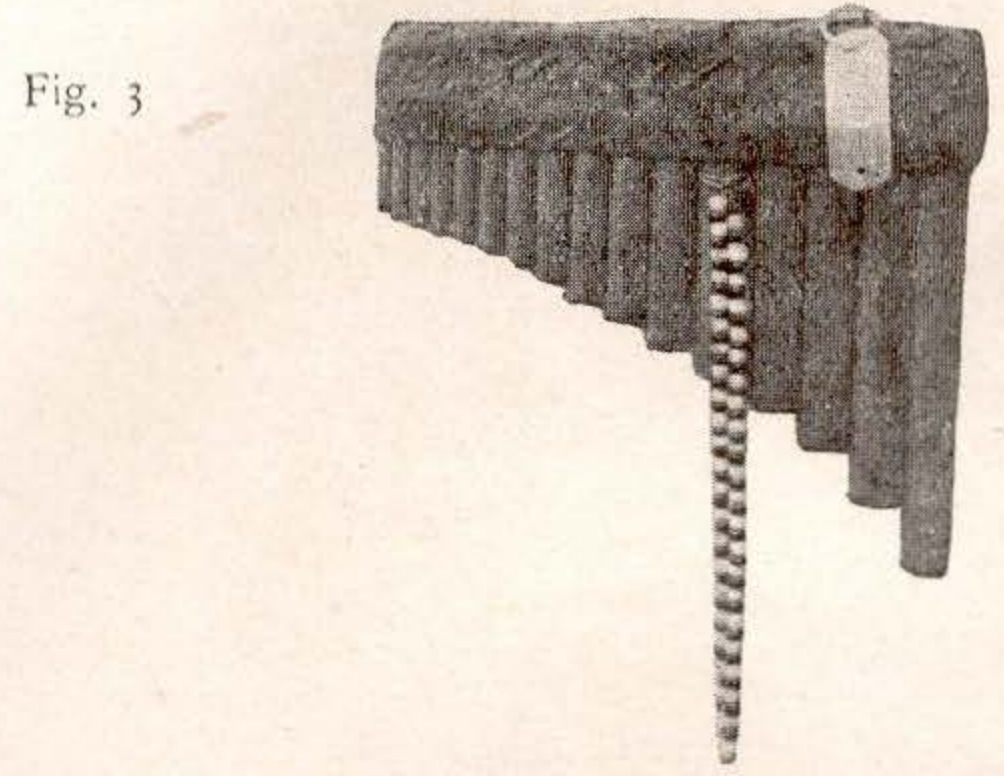


Fig. 3. FLAUTA DE PAN DOS INDIOS UAUPÈS - Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Fig. 1. TROMBETA DOS INDIOS CANELAS DO MARANHÃO Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Fig. 2. TROMBETA-TROFÊU DOS INDIOS JURUNAS DO RIO XINGU' - Museu Nacional do Rio de Janeiro.



Fig. 1

Fig. 2

VI

CONCLUSÕES.

Espero ter comprovado até aqui os seguintes pontos já citados:

- 1 — O indio já era musico antes da descoberta.
- 2 — Por causa da catequese a sua musica foi transformada.
- 3 — Ao fim de algum tempo depois de contacto com a civilização, o caracter indigena musical, tinha desaparecido.
- 4 — Nos tempos atuais, constata-se que os indios entre si, em épocas afastadas, conservam feitió proprio e á parte. E não sofrem influencia alheia anterior ás descobertas, como não influenciam posteriormente o feitió dos descobridores.
- 5 — Por consequencia a musica dos indios mantem-se afastada da musica brasileira atual.
- 6 — Nas épocas antigas, seculo XVI, dominados no seu ambiente e na sua intelectualidade, os seus meios propios de expressão são abolidos, antes da chegada dos negros-africanos ao Brasil.

E chego á conclusão que a musica do indio constitue, para nós de agora, um elemento quasi que exótico, a ser aproveitado futuramente.

E não faltam apontamentos e indicações de usos, cerimoniaes, temas melódicos, instrumental, e mais dados gerais sobre o folclore indigena, para estudá-lo, e fazer obra de arte com o que dele nos resta. Tanto melhor que se tenha conservado assim: faz reviver as épocas passadas e nos põem em comunhão mais pura e mais intima com a primitiva terra brasileira.

Agosto, 1928.

